

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**UM OLHAR SOBRE O BODYBOARDING A PARTIR DE UMA REVISÃO DE
LITERATURA**

FERNANDA SCHEFFER

**PORTO ALEGRE
2010**

FERNANDA SCHEFFER

**UM OLHAR SOBRE O BODYBOARDING A PARTIR DE UMA REVISÃO DE
LITERATURA**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso, exigência final para obtenção da titulação de Licenciada em Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientador: Prof. Dr. Alberto Monteiro de Oliveira

**PORTO ALEGRE
2010**

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, professor Alberto, que muita paciência teve e soube lidar com os meus problemas, me auxiliando na aparentemente impossível tarefa de finalizar este trabalho que esbarrou em muitas dificuldades, tanto pessoais como técnicas;

Agradeço à minha analista, Maria Aparecida, que me fez desistir de deixar tudo pelo meio do caminho.

E ao “bonde do TCC”, a junção de 4 graduandos, que empenhados, provaram (para si mesmos) que quando não se está só as coisas se tornam muito mais fáceis, divertidas, suaves, e deliciosamente engraçadas... Duran, Lenon e Vico, as nossas noites viradas vão ficar para sempre naquele cantinho especial do coração onde se guardam as coisas simples e mais preciosas da vida. Um beijo e obrigada por terem cruzado o meu caminho!

Fernanda Scheffer

**UM OLHAR SOBRE O BODYBOARDING A PARTIR DE UMA REVISÃO DE
LITERATURA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO
FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Conceito Final:

Aprovado em de de 2010

BANCA EXAMINADORA

Avaliador

Orientador – Prof. Dr. Alberto Monteiro de Oliveira

RESUMO

A atividade física junto à natureza proporciona uma sensação indescritível. É um momento em que o indivíduo se encontra em total harmonia com o que está à sua volta, fazendo com que ele se sinta parte integrante de todo o universo, despertando nele responsabilidade para com a natureza.

O objetivo deste estudo foi o de organizar e difundir informações referentes ao BODYBOARDING no que tange o seu desenvolvimento em geral no mundo e em particular no Brasil, a fim de torná-lo mais conhecido e assim incentivar sua prática.

O Bodyboarding é um esporte pouco conhecido no nosso país se comparado com a grandeza do desempenho de nossos atletas a nível mundial. Temos alguns dos grandes campeões, muitos dos melhores bodyboarders do mundo são brasileiros e brasileiras, e são eles os detentores de nada menos do que 62,2% de todos os títulos mundiais disputados até hoje, sendo que entre os homens, a porcentagem é de 30,7 %, e entre as mulheres, simplesmente 89,4% dos títulos mundiais vieram para as brasileiras. Esse reconhecimento muitas vezes se dá mais fora do Brasil do que dentro do nosso país, onde o esporte muitas vezes é retratado mais como lazer do que como esporte, apesar de se tratar de uma atividade esportiva com muitos adeptos e com grande potencial. O bodyboarding, pelas suas características, é uma atividade extremamente desafiadora, muitas vezes arriscada, mas que transcende qualquer atividade comum.

Palavras chave: Bodyboarding, Surfe, Esporte na Natureza

RESUMEN

La actividad física junto a la naturaleza proporciona una sensación indescribible. Es un momento en que el individuo se encuentra en total armonía con lo que está en su vuelta, haciendo con que el si sienta parte integral de todo el universo, despertando en el responsabilidad para con la naturaleza.

El objetivo de este estudio fue difundir informaciones referente al bodyboarding en lo que se refiere a su desarrollo em general en el mundo y en particular en Brasil, para tornarselo más conocido y así estimular su practica.

El bodyboarding és un deporte poco conocido en nuestro país, si comparado con la grandeza del desempeño de nuestros deportistas a nivel mundial. Tenemos algunos de los grandes campeones, muchos de los mejores bodyboarders del mundo son brasileños y brasileñas, y son ellos los detentores de nada menos que 62,2% de todos los títulos mundiales disputados hasta hoy, siendo que entre los hombres, el porcentaje és de 30,7%, y entre lãs mujeres, simplemente 89,4% de los títulos mundiales han venido para lãs brasileñas. Ese reconocimiento muchas veces pasa más fuera de Brasil que dentro de nuestro país, donde el deporte muchas veces é retractado más como pasatiempo que como un deporte, apesar de se tratar de una actividad deportiva con muchos adeptos y con gran potencial. El bodyboard, por sus características, és una actividad extremadamente desafiadora, muchas veces arriesgada, pero que transcende cualquier actividad común.

Palabras clave: Bodyboarding, Surfe, Deporte en la Naturaleza.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
1.1 justificativa do estudo.....	8
1.2 objetivo.....	8
1.2.1 objetivos específicos.....	8
1.3 metodologia.....	8
1.3.1 Caracterização da Investigação.....	8
1.3.2 Plano de coleta de dados.....	9
1.3.2.1 Identificação das fontes.....	9
1.3.2.2 Localização das fontes.....	9
1.3.2.3 Compilação.....	9
1.3.2.4 Fichamento.....	10
1.3.2.5 Análise e Interpretação.....	10
1.3.2.6 Redação.....	10
2 O SURFAR.....	11
2.1 as origens do surfar.....	11
2.2 O Surfar no mundo acadêmico.....	15
3 O BODYBOARDING.....	18
3.1 história do bodyboarding.....	18
3.1.1 Definições e Origens do bodyboarding.....	18
3.2 fatos históricos e feitos relevantes.....	19
4 considerações sobre o bodyboarding.....	23
4.1 principais manobras.....	23
4.2 panorama do circuito mundial de bodyboarding.....	26
4.3 o circuito mundial em 2008/2009.....	26
4.4 uma panorâmica do circuito internacional ao longo dos tempos.....	27
5 Os grandes surfistas brasileiros são os BODYBOARDERSErro! Indicador não definido.	
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS:.....	31
7 REFERÊNCIAS.....	Erro! Indicador não definido. <u>2</u>
7.1 Sítios da internet.....	Erro! Indicador não definido. <u>3</u>
ANEXOS	

1. INTRODUÇÃO

1.1 justificativa do estudo

Como praticante de BODYBOARDING, tenho interesse em desenvolver um trabalho no qual estejam reunidas informações sobre este esporte, que é tão pouco difundido no país, apesar de ser o Brasil o mais vitorioso entre todos os países que disputam competições dessa natureza. As publicações sobre este esporte em nosso país são muito escassas, e vejo que através de um trabalho de revisão da literatura talvez possa colaborar com a possibilidade de desenvolvimento de outros trabalhos envolvendo esse esporte e que, dessa maneira, ele possa ser mais conhecido, exercitado e melhor considerado como uma excelente alternativa de prática esportiva.

1.2 objetivo

Organizar e difundir, a partir de um trabalho de revisão literária, informações referentes ao BODYBOARDING no que tange o seu desenvolvimento em geral no mundo e particularmente no Brasil, a fim de torná-lo mais conhecido e assim incentivar sua prática.

1.2.1 objetivos específicos

- Assinalar a familiaridade entre o bodyboarding e o ato de surfar.
- Oferecer informações sobre o processo de organização do BODYBOARDING, na perspectiva nacional.
- Registrar dados referentes aos competidores e competidoras de BODYBOARDING do Brasil.
- Distinguir o BODYBOARDING brasileiro como um esporte que obtém resultados expressivos em competições internacionais.
- Sublinhar a importância do BODYBOARDING como um esporte ligado à natureza.

1.3 metodologia

1.3.1 Caracterização da Investigação

Este estudo é caracterizado por ser uma revisão bibliográfica, que tem como objetivo, fazer uma avaliação crítica na literatura existente sobre o bodyboarding, buscando um maior

conhecimento sobre esse tema, e justificando a importância do assunto citado (LAKATOS e MARCONI, 1991).

1.3.2 Plano de coleta de dados

Para realizar a seguinte pesquisa seguiremos alguns procedimentos citados abaixo:

1.3.2.1 Identificação das fontes

Através de bibliografias citadas em livros referentes a este esporte, em revistas científicas, revistas referentes ao esporte, realizando contatos com outros profissionais da área, e através de procura na Internet, em sites de busca (Google acadêmico e Scielo) com as palavras-chave bodyboard e surfe. Também houve procura através das bibliotecas da USP e da Universidade do Porto, Portugal.

1.3.2.2 Localização das fontes

Se deu em sites de busca na internet (Google acadêmico e Scielo) com as palavras-chave bodyboard e surfe. Também houve procura através das bibliotecas da USP e da Universidade do Porto, Portugal.

A falta de bibliografias publicadas acerca do esporte no Brasil foi um fator que acabou por limitar de certa forma o trabalho, contudo, o desafio e principalmente o imenso interesse em trazer ao maior número possível de pessoas o conhecimento da imensurável contribuição dos atletas brasileiros para o BODYBOARDING a nível internacional, fez com que, embora houvesse tal limitação, pudéssemos colocar em relevo através das literaturas disponíveis e das informações cedidas gentilmente pela CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BODYBOARDIN e da INTERNACIONAL BODYBOARDING ASSOCIATION, a importância e o destaque desta modalidade desportiva se tratando dos atletas brasileiros.

1.3.2.3 Compilação

A compilação seria a leitura do material conseguido, a fim de identificar as informações, estabelecer um paralelo das informações que o material diz respeito com as de sua necessidade, analisando sua consistência e veracidade.

A leitura desse material seguirá uma seqüência determinada que será: Leitura exploratória, Leitura seletiva, Leitura analítica, e Leitura interpretativa.

1.3.2.4 Fichamento

É o procedimento que se faz após a leitura do material coletado, confeccionando-as através de fichas de identificação dessas obras consultadas, do registro do conteúdo das obras, do registro do comentário, colocando na ordem os registros e classificando as fichas.

1.3.2.5 Análise e Interpretação

Foi realizado a critica do material bibliográfico consultado, e considerando um juízo de valor sobre o determinado material científico.

1.3.2.6 Redação

Esta etapa significa o final da pesquisa, na qual foi redigido dentro das normas exigidas pelo Curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS.

2 O SURFAR

2.1 as origens do surfar

Nas origens do esporte atual mais remotas, os esportes surgiram como uma das relações básicas entre os seres humanos e a natureza. Curiosamente, no mesmo local onde se criaram os Jogos Olímpicos – Antiga Olímpia, Grécia – no sétimo século a.C., também se venerava os deuses, dentre os quais Ponto, deus do mar e Poseidon, deus do mar e dos rios. (FERRY, 2009) Como os deuses e os mitos são metáforas que nos auxiliam a entender nossa esfera interior, considerando que o surf e o bodyboard são práticas que nos ajudam a lidar com os nossos medos, nossas dúvidas e incertezas e também a desafiar o domínio exterior dos deuses, afinal, “surfing é encontrar uma praia com ondulação e pegar uma montanha azul deslocando-se majestosamente em direção a um fundo propício à sua rebentação.” O autor ainda destaca que “o Surf pode ser o encontro do homem com a sua origem líquida e ao mesmo tempo material. Ao poder subir e descer numa onda, milhões de litros de água, o ser humano entende e expressa, estar cavalgando uma obra do Deus maior que é Poseidon”. (OLIVEIRA, 2007).

Estar junto à natureza, dentro do mar, lidando com o universo da água, registra a gratuidade de uma atividade de genuinidade ecológica. Essa é e sempre foi, uma preocupação do Comitê Olímpico internacional, quando apela para o lema: mente saudável, num corpo saudável e num ambiente saudável. Segundo Steinman (2003) “o surf é, sem dúvida, um esporte capaz de prolongar e melhorar a qualidade de vida” afinal de contas, ele tem um efeito terapêutico nos seus praticantes.

Tanto é que no final do século XIX, os esportes que se praticavam nos países do norte da Europa – principalmente aqueles considerados esportes de inverno – foram assumidos como parte da convivência com a natureza além dos locais comuns a todos como os clubes, e outros meios materiais de prática. O Barão de Coubertin, além da ética, educação, cultura e arte, também relacionava explicitamente meio ambiente e práticas esportivas. Ele, que foi um restaurador dos Jogos Olímpicos, ao final do século XX também se torna um pioneiro em considerar aqueles que praticavam esportes como protetores da natureza, assim obtendo dela por outro lado a experiência estética da prática esportiva (DA COSTA, 2005, p. 1130). Esta percepção só foi se tornar comum entre os líderes e estudiosos do esporte cinco décadas mais tarde, com as atividades praticadas nas praias da Califórnia nos Estados Unidos, ou seja, eles

passam então a adquirir uma identidade própria e a confundir-se com formas de estilo de vida, que é o que evidencia Luiz Ernesto, quando diz que “O surfe não é apenas um esporte. É um modo de vida, com linguagem e comportamento próprios” (FIGUEIREDO, 1997, p.3). Algo muito parecido acontece nos anos de 1930 e 1940, porém sem o mesmo impacto de repercussão na Austrália e no Brasil, países que possuem uma íntimas relações comunitárias com suas praias e com a cultura típica daí derivada. Focalizando-se em especial o Brasil, é válido citar que desde a década de 1910 a convivência com a natureza já era algo cultivado entre montanhistas do Centro Excursionista Brasileiro como também entre velejadores da Baía de Guanabara, do Rio de Janeiro e de Niterói, desde então até os anos de 1950 (DA COSTA, 2005). É quando também ganha visibilidade a pesca submarina em nosso país com seus praticantes que muito relevam a beleza dos locais onde a praticam. Há menções esparsas, sobre trilhas de caminhadas na Floresta da Tijuca no Rio de Janeiro, que foram construídas por de D. Pedro II, então Imperador do Brasil, durante a segunda metade do século XIX. (DA COSTA, 2005) Entretanto, a prática esportiva no meio natural foi assumida como uma modalidade de identidade própria com o aparecimento do surfe, quando então foram surgindo outras denominações como esporte de aventura, de risco, esportes radicais, eco-esportes, esportes californianos, esportes outdoor, entre outras denominações. Estas novas interpretações expressadas pela nova terminologia geraram um novo patamar de compreensão do esporte, levando-o além das suas relações históricas com a natureza e alcançando sua renovação no ambiente urbano. O passo seguinte foi a criação de vínculos com o turismo, o ecoturismo, uma vertente que hoje se encontra em plena expansão em escala mundial. No Brasil, essa modalidade de turismo se encontra vinculado a diversas praticas esportivas, revelando suas origens e seu atual direcionamento. Entretanto a repercussão de maior impacto ocorre na área mercadológica na qual novos produtos esportivos foram desenvolvidos em seqüência e renovação, e acabaram por atrair a atenção da mídia como uma nova faceta de consumo a atender e reforçar. E nestes aspectos de expansão, o surfe, se destacou por ser um esporte que congregava além da sua relação com a natureza, outras facetas dos demais esportes radicais como o risco, a aventura, o desafio e etc., o que acabou gerando uma nova modalidade de esporte de espetáculo.

Neste contexto de reinvenção do esporte em escala mundial, com plena participação do Brasil, cabe cogitar que as novas práticas reorganizaram o sistema esportivo tradicional em muito países. Isto implicou numa renovação simbólica que constituiu o imaginário esportivo que até então prevalecia. Deste modo, chegamos à definição de esporte de aventura, na qual as mudanças em relação aos esportes tradicionais são vistas como prática criada pela ruptura

com as práticas convencionais, e vistas como uma nova forma de se praticar esporte junto à natureza, à liberdade e à sensação de integração do homem com o universo (DA COSTA, 2005). Assim, o surfe se caracteriza e se tipifica como um dos esportes de renovação, simbólico e que se projeta no estilo de vida e numa identidade particular. O surfe, desse modo, é correntemente considerado como arte e destreza de deslizar sobre a arrebentação das ondas no mar. (DA COSTA, 2005) Considerando suas variadas formas de prática, a International Surfing Association - (Associação Internacional de Surfe) ISA, entidade que administra e regulamenta o surfe mundial, reconhece as seguintes modalidades: surfboard, longboard, skimboard, bodyboard, kneeboard e bodysurf, de acordo com a posição na qual o praticante permanece por mais tempo durante o ato de surfar. Partindo-se destas referências fundamentais, há que considerar os fatos históricos do surfe que deram origem às propriedades e às particularidades do surfe:

Segundo Lorch (1980),

Conta-se a história de Moikeha, um rei do Taiti que resolveu velejar até o Havaí para surfar. Aportou primeiro na ilha do Havaí, mas não gostou de lá, indo até Oahu, e em seguida até Kauai. Ao chegar aportou em Wailua e encontrou ondas perfeitas para o que queria em um local chamado Makaiwa. Enquanto o rei surfava, as duas filhas do rei de Kauai observavam-no. Por fim o rei taitiano se casou com ambas e tornou-se mais tarde rei de Kauai. Anoa mais tarde ele enviou seus dois filhos nascidos no Havaí de volta o Taiti para avisar seus parentes. Após se identificarem, seus filhos relataram a história de Moikeha na forma de um canto, que ficou até hoje.

O surfe é uma prática milenar que nasceu na Polinésia e teve sua grande expansão no Havaí, seguido da Califórnia, ambos nos Estados Unidos. Daí se espalhou para todo o mundo, onde é praticado em todas as praias do planeta que ofereçam condições ao esporte. (STEINMAN, 2003, p. 17). No ano de 1777, O navegador inglês James Cook ao chegar ao Havaí, fica admirado com a habilidade dos nativos locais deslizando sobre as ondas, no entanto o missionários e os colonizadores europeus não estavam de acordo com tal prática e a prática do surfe acabou sendo reprimida por eles, o que quase levou ao desaparecimento completo do esporte. Felizmente o esporte se tratava muito mais do que de uma simples prática desportiva, mas de uma antiga tradição polinésia, constituindo mesmo uma expressão cultural. Os havaianos consideravam o surfe como o ‘esporte dos reis’, pois este fazia parte dos hábitos da realeza. Já nas décadas de 1910 e 1920, Duke Hahanamoku, havaiano de sangue nobre e exímio nadador (campeão olímpico nos Jogos de Stockholm- 1912, Antuérpia-1920 e Paris-1924) e apaixonado pelo surfe, aproveitou a fama olímpica para

divulgar o esporte no mundo, introduzindo-o na América e Austrália, fazendo demonstrações e até mesmo construindo pranchas. Seus feitos relevantes não só marcaram a trajetória do surfe da era moderna como lhe concederam o status de ‘pai do surfe’.

Uma investigação feita por Marcello Árias, embasado também em outros dois pesquisadores, Alex Gutemberg e Diniz Iozzi, ressalta o surgimento do surfe brasileiro no período da década de 30, mas com duas vertentes. A primeira, entre os anos de 1934 e 1936, pelo americano naturalizado brasileiro Thomas Rittscher e, a segunda, em 1938, no canal 13 de Santos - SP por Osmar Gonçalves, acompanhado de Silvio Malzoni e João Roberto Suplicy Haffers. Segundo Dias (2009) “Os primeiros rumores do surfe no Brasil podem ser identificados em meados dos anos 30, quando uma dupla de jovens de Santos, no litoral paulista, fez espontaneamente algumas iniciativas na confecção e uso das ‘tábuas havaianas’.” (GUTEMBERG apud DIAS 2009, p. 258). E ainda segundo Fortes (2008) “as poucas obras existentes tratam das primeiras experiências em Santos, nos anos de 1930.” A partir de instruções da revista eletrônica americana Popular Mechanics, trazida por seu pai, Osmar retirou ensinamentos para a construção da “tábua havaiana”, que se configurou como a primeira prancha produzida no país. Assim, pode-se creditar a ele também o título de primeiro shaper nacional. Considerando as duas versões, o autor ressalta o pioneirismo de todos os protagonistas, considerando Thomas como o primeiro estrangeiro a surfar no Brasil, e Osmar como o primeiro surfista brasileiro.

Na década de 50, o surfe ganha expressividade no Rio de Janeiro, o que acaba por favorecer o surgimento de novas gerações de praticantes. No período de 1955 e 1956, Paulo Preguiça, Jorge Paulo Lehman, Irency Beltrão e, esporadicamente, os mergulhadores de caça submarina Bruno Hermann, George Grande, Domingos Castelo Branco, Ricardo Charuto, Armando Serra, e Rubens Torres dão início ao surfe como prática esportiva no Rio de Janeiro, ainda utilizando tábuas de madeira prensadas em que era preciso o auxílio de pés de pato para compensar a pouca fluabilidade do equipamento. Nos anos 1957 e 1958 tem início a produção das madeirites brasileiras, produzidas com material naval. Mais tarde, começa a produção de pranchas com formato mais adequado para a prática do surfe, fabricadas em madeira. É quando aparece a primeira fábrica de pranchas no Brasil.

Em 1964, reafirmando-se como uma grande potência dos esportes radicais e de aventura, aconteceu o World Surfing Championships (Campeonato Mundial de Surfe), na Austrália, um evento internacional que acabou por abrir oficialmente o caminho para que posteriormente surgissem uma série de eventos de grande importância para o esporte. Criada no mesmo ano, a International Surfing Federation – ISF (Federação Internacional de Surfe)

promoveu a união de várias nações e organizou os campeonatos subsequentes. Em 1976, no Havaí, a ISF dá lugar à International Surfing Association-ISA (Associação Internacional de Surfe), entidade sem fins lucrativos, que passa a administrar o surfe no mundo, sendo em 1995 reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional - COI.

Apesar de ter passado por um longo período de marginalização e discriminação social, talvez pela imagem criada dos surfistas pelos próprios surfistas, Fortes (2004, p.4) afirmou que “todo mundo era cabeludo e a imagem do surfista não era muito boa, porque a maioria não trabalhava, tinha bom poder aquisitivo e alguns nem estudavam.” O surfe no Brasil se expandiu por todas as classes econômicas e se firmou como esporte saudável, que purifica corpo, mente e espírito, pois coloca o surfista em contato direto com a natureza, (STEINMAN, 2003. p.17) o que acabou por trazer mais adeptos ao esporte, e conseqüentemente em 1963, as primeiras surfistas começaram a aparecer. No Arpoador, praia do Rio de Janeiro-RJ, as pioneiras foram Maria Helena Beltrão e Fernanda Guerra. Antes disso, a elas restava o papel de espectadoras, sentadas na areia esperando os namorados saírem do mar. Assim as mulheres começam a tomar seu espaço nesse esporte, e mostram que a idéia de que seus corpos sejam frágeis demais para a prática de toda e qualquer atividade tida como masculina está completamente equivocada. (KNIJNIK e CRUZ, 2004).

2.2 O Surfar no mundo acadêmico

Dessa maneira, o surfe encontrou um lugar de destaque no cenário nacional e internacional, como fruto de uma longa trajetória nas praias e mares do mundo inteiro e do Brasil em particular, de tal forma que o surfe acabou por se tornar uma disciplina curricular de nível universitário. A introdução do surfe no cenário acadêmico teve início com sua inclusão na grade curricular na escola de Educação Física da faculdade Patro Homa. Em Santos, no litoral de São Paulo, é oferecida a disciplina de surfe na universidade Unimonte, na Unimes, UNAERP - Guarujá e Unisanta. Todas escolas particulares. Em 1991, também em Santos, é oferecida a disciplina de surfe por uma escola pública. Em 1995, a Faculdade de Educação Física de Santos iniciou o curso de extensão universitária. Em 1999, a Universidade Santa Cecília iniciou o surfe como disciplina curricular obrigatória para os graduados em Educação Física e o Centro Universitário Monte Serrat-Unimonte criou a Universidade da Prancha-UNIPRAN, núcleo de ensino, aperfeiçoamento, treinamento físico, assessoria e pesquisa científica em surfe e esportes praticados com prancha, além do lançamento do curso de pós-graduação na área. A universidade também criou um programa inovador, o Integral Surf

Training (Treinamento Integral de Surfe), que tinha como objetivo otimizar a performance dos atletas na água. Os principais responsáveis foram os professores de Educação Física, Marcello Árias e Flávio Ascânio, coordenadores da Unipran. A ULBRA de Canoas e Torres - RS também já oferece a disciplina de surfe. Para os graduandos há o cursos de extensão, e para formados disponibiliza um programa de pós-graduação. O Instituto Brasileiro de Desenvolvimento do Surfe – IBRASURF, desenvolve diversas atividades que têm como principal objetivo a educação através do surfe. Dentre as atividades destacam-se: a Escola de Surfe da Riviera (Bertioga-SP), que conta com professores altamente qualificados, alunos da Escola de Educação Física e Esporte da USP e técnicos formados pela International Surfing Association (Associação Internacional de Surfe) - ISA. A Escola de Surfe da Riviera já formou mais de mil alunos de várias idades, desde iniciantes até profissionais, além de manter uma equipe de atletas que a representa em diversos campeonatos amadores por todo o Brasil. O Congresso Brasileiro de Surf, que já teve quatro versões, tem como objetivo a integração entre, praticantes, simpatizantes e profissionais do surfe e o desenvolvimento de estudos de pesquisa junto ao meio acadêmico especializado. Há também o Acervo do Surfe, que aborda várias áreas do conhecimento visando o desenvolvimento de novas pesquisas e estudos na área; o Surf filmes, que promove a valorização de projetos sócio-culturais nas entidades de ensino através da apresentação de filmes e trabalhos culturais; o Circuito Universitário de Surfe, uma das competições mais importantes do surfe paulista, com a participação de atletas universitários de todo o estado, realça o espírito de confraternização entre os participantes, que têm de se sair bem tanto nas ondas como nas difíceis provas e trabalhos da faculdade. Desde que os primeiros campeonatos de surfe universitários foram realizados, sempre foram suas características fortes a integração e o divertimento que os eventos proporcionavam, reunindo estudantes de diversas universidades de São Paulo em frente às boas ondas do seu litoral. Em 1982 foi realizado o primeiro Campeonato Universitário de Surfe, na praia das Pitangueiras, no Guarujá em São Paulo. Em 1987e 1988 foram realizados mais dois eventos e em 1997, a cidade de Ubatuba em São Paulo foi sede do Primeiro Desafio de Surf Universitário. Com patrocinadores injetando dinheiro no evento, em 1998 começa a acontecer com regularidade os Confrontos Universitários que, a partir de 1999, começam a configurar-se como circuito em três etapas, chegando a 2002 com a quarta edição deste evento. Atualmente, o IBRASURF (Instituto Brasileiro de Surf) conta com mais de 900 atletas registrados e a participação média de 144 atletas por competição. O sucesso do evento gerou o primeiro Festival Brasileiro MCD de Surfe Universitário formando um ranking brasileiro de cada estado envolvido. Os Confrontos Brasileiros MCD de Surfe Universitário, atualmente

são compostos por sete etapas e já contam com a participação dos estados do Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro (também valendo atletas do Espírito Santo), Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco e disputa final na praia de Maresias em São Paulo. Estes estados também promovem seus circuitos internos, que movimentam os estudantes e suas respectivas universidades. A UNISUL, Universidade do Sul d Santa Catarina começou com um campeonato universitário interno, e em 2000, com a fundação da Associação Catarinense de Surfe Universitário - ACSU, teve início o Circuito Catarinense de Surfe Universitário, que contou com três etapas. Com a intenção de desenvolver esta nova categoria para a disputa em competições de surfe, foi criada a Associação Catarinense de Surfe Universitário, entidade que vincula o surfe ao meio acadêmico. O evento tem como integrantes mais de 20 universidades de Santa Catarina e tem apoio da FECASURF (Federação Catarinense de Surfe). Vários estudantes já foram beneficiados com patrocínios, bolsas de estudos e incentivos acadêmicos.

É importante ressaltar que quando falamos em Surfe, estamos falando nas diversas modalidades reconhecidas pela International Surfing Association – ISA (Associação Internacional de Surfe) dentre elas, evidentemente está o bodyboarding (DA COSTA, 2005).

3 O BODYBOARDING

“O bodyboarding é um esporte extremamente radical, de onda grande, buraco, tubo, fundo de pedra etc. São condições que nenhum outro esporte consegue chegar perto” (ROSA, 2009). Ele é praticado com a utilização de uma prancha de material esponjoso com cerca de 39 a 42 polegadas, podendo haver maior ou menor, a partir da qual o surfista desce a onda deitado ou de joelhos. Também se utiliza como instrumento para a prática os pés-de-pato, que ajudam o praticante a entrar na onda e executar as manobras” (OLIVEIRA, 2007).

3.1 história do bodyboarding

3.1.1 Definições e Origens do bodyboarding

O bodyboarding é uma prática esportiva na qual os praticantes deslizam as ondas deitados sobre pequenas pranchas (bodyboards). Com os movimentos dos corpos e impulsão das ondas, os praticantes executam as manobras num misto de técnica e arte. Embora atletas de alto rendimento busquem as melhores ondas, sua prática é democrática permitindo a diversão de iniciantes em pequenas ondas.

Antes de se ter inventado o bodyboard, havia diversas formas de surfar as ondas que não fosse em pé. O relato mais antigo encontrado data do século XV, quando polinésios surfavam deitados em pedaços de tábuas rudimentares, as alaias, denominadas pranchas do povo. Naquela época, era permitido apenas à realeza surfar em pé sobre pranchas maiores os olos (DACOSTA, 2005). Existe também a versão que conta que o esporte que originou o bodyboarding era conhecido no Havá como paipo-board, que era um bodyboard fabricado de madeira (Wikipédia, acessado em 12/10/2010). Evoluindo no formato, surgiu o kickboard, prancha que permitia maior deslize. No início dos anos de 1970, esta prática configurou como modalidade esportiva. O americano Tom Morey surfava na Califórnia quando sua prancha partiu-se ao meio. Utilizando uma das metades para chegar até a areia, descobriu a sensação de surfar deitado. Tempos depois, o citado praticante confeccionou uma prancha menor, com material mais macio que os da prancha de surfe tradicional. Em sua primeira fábrica caseira, nasceu o equipamento batizado como Morey Boogie. Após várias evoluções tecnológicas, chegou ao século XXI com o nome de bodyboard, conquistando milhares de praticantes amadores e profissionais (DA COSTA, 2005).

No final da década de 1970, o bodyboarding chegou ao Brasil pelo Marcus Cal Kung com a inovação do equipamento de último tipo, para a época, conhecido como Morey Boogie,

conquistando rapidamente vários adeptos, por sua possibilidade de descer ‘ondas de peito’(DA COSTA, 2005) marca ficou tão conhecida que, durante um longo período, deu nome à prática, ainda sendo confundida na atualidade entre os praticantes mais antigos. Segundo Kung citado por DA COSTA (2005, p. 1112) que atualmente é também empresário,

através do sonho e iniciativa de um grupo de adolescentes, o Bodyboard transformou-se numa modalidade esportiva de reconhecimento mundial e modelo organizacional para entidades nacionais e internacionais que, por meio de seus atletas, conquistaram títulos, campeonatos, competições, prêmios e diversas homenagens. Através do Bodyboard viajamos pelo mundo, conhecemos novos povos, novas culturas e línguas. Aprendemos a cartilha da vida por um caminho saudável, educativo, de integração social e de entendimento de nossos próprios desejos e expectativas pessoais. O Bodyboard transmite mais do que o esporte: é o significado de um estilo de vida.

Os argumentos de Kung são ratificados não só pelo alto nível técnico dos atletas que despontam no cenário internacional como pelos aficionados de todas as idades que, nos finais de semana, praticam a modalidade no Brasil, usufruindo de uma das mais extensas costas marítimas do mundo (8500 km) e de um clima que lhes favorece em quase todas as estações do ano.

3.2 fatos históricos e feitos relevantes

No ano de 1971 Tom Morey criou o protótipo da prancha morey boogie que impulsionou o desenvolvimento da modalidade. Em 1973 e 1974, os equipamentos, ainda predominantemente estrangeiros, ganharam nova estrutura como o morey boogie rainbow, melhorando o desempenho dos praticantes. O Brasil começou a importar equipamentos neste período.

Finalmente, entre 1977 e 1980 O bodyboarding começou a ganhar destaque de mídia em várias revistas americanas de surfe. Mundialmente, o esporte se propagou e começaram a se formar grupos de praticantes no Rio de Janeiro. Na mesma época a modalidade expandiu-se rapidamente no mundo. No Brasil, em meados desta década, os adeptos divertiam-se com suas ‘madeirites’, placas de madeira que deslizavam sobre a água e em 1980 a 1982 surgiu pela primeira vez o nome bodyboard. O bairro do Leme-RJ consagrou-se como o berço da modalidade. Aconteceu o campeonato de Surf Waimea 5000, no Arpoador, praia do Rio de Janeiro, onde o bodyboarding participou com uma demonstração. Um ano mais tarde, acontece o primeiro Campeonato Mundial de Pipeline, no Havaí e Primeiro Campeonato em

Piratininga, Niterói, com 16 competidores e apenas Gisele Vargas como representante feminina.

No ano de 1984 A Associação de Morey Boogie do RJ - AMBERJ foi a primeira entidade de seu gênero registrada no mundo. Começou a ser fabricado o 'fico', primeiro bodyboard 100% nacional. Andréa Ferreira foi a primeira mulher a participar de um campeonato mundial. Bobby Szabad, um dos pioneiros do esporte mundial, veio ao Brasil. A Clark Foam/EUA, fabricante da marca morey boogie, começou a fabricar no Brasil, os modelos Aussie, Aussie 2, 139 e Mach 7-7, provocando um verdadeiro delírio nos praticantes, que não mais dependiam somente das importações. Foi realizado o primeiro campeonato, com a divisão das categorias masculino e feminino, contando com 45 competidores, sendo nove mulheres. Atletas se uniram e realizaram o Festival de Surfe, Morey Boogie e outros esportes radicais na praia do Leblon - RJ, com grande repercussão de mídia para a época. Naquele período, os campeonatos de bodyboarding eram incorporados aos de surfe. Marcus Kung venceu o primeiro campeonato qualificatório para o mundial (DA COSTA, 2005).

Já em 1985 acontece a fundação da Associação Paulista de Bodyboard-APB. Este é um ano que marca a história da modalidade para sempre, pois é a primeira vez que uma equipe brasileira compete no Campeonato Mundial do Havaí. Kung, Xandinho, Marcos Salgado, Guto de Oliveira e Cláudio Marques mostraram o potencial para o mundo. Lançamento da revista americana Bodyboarding. A marca Redley Bodyboarding se lançou no mercado e realizou seu primeiro campeonato e em 1986, Marcus Kung foi matéria na revista internacional Bodyboarding destacando o crescimento do esporte no Brasil. Com isso o bodyboarding nacional ganhou difusão e na mídia internacional. Lançamento da revista nacional Bodyboarder. O pé de pato 'jacaré', equipamento muito utilizado para impulsão nas ondas, começou a ser fabricado no Brasil. Andréa Ferreira foi à final do Campeonato Americano na Califórnia.

Ocorre em 1987 o lançamento, no Brasil, da revista Fluir Bodyboard. Glenda Koslowisk venceu no Havaí e na Califórnia. Aconteceu a quinta edição do Campeonato Mundial em Pipeline. Fundação da ABBI - Associação de Bodyboarding de Ipanema, primeira entidade que administrou o esporte no Brasil, reconhecida internacionalmente, e que começou a formatar os quadros técnicos de juízes.

Em 1988 aconteceu o primeiro evento internacional de bodyboarding no Brasil e o primeiro Circuito Brasileiro com etapas em vários estados, contando com cerca de 300 atletas. Na sexta edição do campeonato mundial em Pipeline/Havaí, o carioca Ugo Corti ganhou o prêmio de maior onda em um tubo e, Marcus Kung, o de personalidade mundial do

bodyboard. Primeira excursão dos brasileiros à Austrália. O Primeiro Campeonato Internacional Bliss aconteceu no RJ, com a participação de estrangeiros atraindo grande repercussão de público na praia da Barra da Tijuca. Mike Stewart venceu e os brasileiros Ugo Corti e Xandinho conquistaram a 2ª e 3ª colocação. Na categoria amador, Guilherme Tâmega venceu e Fabio Aquino ficou em 2º. Mariana Nogueira conquistou seu primeiro campeonato brasileiro. Fundação da Associação Brasileira de Bodyboarding-ABRASB e a realização do Circuito Brasileiro em três etapas : Guarujá, Florianópolis e no Rio de Janeiro, contando com o patrocínio de várias empresas de peso.

A marca de pranchas BZ começou a ser fabricada no Brasil em 1989. A categoria feminina ganha status de profissional. Guilherme Tamega alcançou um 4º lugar no Campeonato da Austrália. Nessa mesma época ocorreu a fase na qual houve o maior avanço histórico da modalidade provocando, simultaneamente, o incremento da indústria, o aprimoramento técnico dos atletas, a organização de suas entidades representativas, a realização de eventos de grande porte e a divulgação na mídia.

Se da entre os anos de 1993 e 1994 a fundação da Federação de Bodyboarding do RJ-FEBRJ que organizava os circuitos profissionais no estado. O carioca Guilherme Tâmega e a paulista Claudia Ferrari conquistaram seus primeiros títulos e em 1995, o time feminino do bodyboarding ganhou fama internacional. Mariana Nogueira, Daniela Freitas, Soraia Rocha, Karla Costa, Neymara Carvalho, Stephanie Pettersen tornaram-se absolutas entre, aproximadamente, 300 competidores dos cinco continentes. Já no ano de 1997, Daniela Freitas conquistou o bicampeonato mundial da modalidade.

Tardiamente, no ano de 1999 acontece a fundação da Confederação Brasileira de Bodyboarding. Neymara Carvalho foi campeã Pan Americana e Hermano Castro conquistou o vice. Sem rupturas no desenvolvimento, a modalidade institucionalizou-se então, implantando normas e estimulando o surgimento de federações estaduais. Dentre os atletas que obtiveram um maior destaque na modalidade, Glenda Koslowski deixa registrados, ao finalizar a carreira, quatro títulos de campeã mundial. Ainda neste período, a cidade do Rio de Janeiro passou a ser considerada o melhor pontos para a prática da modalidade no país e palco de seus grandes eventos.

No ano de 2000, temos Soraia Rocha como nova campeã mundial. Já nos anos de 2001 e 2002 a Federação Carioca de Bodyboarding do RJ realizou o Campeonato Internacional de Bodyboarding, em São Conrado no Rio de Janeiro com Karla Costa tendo se sagrado a grande campeã.

No ano de 2002, o carioca Guilherme Tâmega conquistou o hexacampeonato mundial de bodyboarding, igualando aos recordes de Robert Scheidt, hexacampeão mundial no iatismo e Kelly Slater, hexampeão mundial de surfê. Neymara Carvalho foi a Campeã do Isa Games, na África do Sul. Em 2003 acontece na praia de Copacabana na cidade do Rio de Janeiro a fundação da Escolinha Guilherme Tâmega de Bodyboard, Guilherme, que então buscava seu sétimo troféu de campeão mundial, resolve passar adiante todo seu conhecimento no esporte, a fim de difundi-lo entre os novos participantes e trazer novos adeptos à pratica do bodyboarding.

Embora não hajam registros precisos a respeito da movimentação financeira gerada pela indústria que sustenta a modalidade, a história retrata a força do bodyboarding. Segundo dados dos órgãos que dirigem o esporte no mundo, ele envolve 2 milhões de praticantes, sendo 500 mil do sexo feminino, e conta com 2.500 atletas federados e um elevado número de eventos nacionais e internacionais, sendo somente o circuito brasileiro composto de 6 a 8 etapas,tendo uma participação média de 200 atletas. No fomento a novos adeptos, diversas escolinhas de praia trabalham desde o esporte recreativo até o de alto rendimento. Podendo ser praticado também com equipamentos de baixo custo, como pranchas de isopor, o bodyboarding deixou de ser progressivamente um esporte refinado, conquistando adeptos de todas as idades e condições sociais (DA COSTA, 2005).

4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O BODYBOARDING

4.1 principais manobras

Com a criação do esporte, aos poucos foram se criando diferentes maneiras de deslizar nas ondas, com saltos, giros e manobras, que tornaram o esporte mais radical e muito mais atrativo. Dentro da água o bodyboarder pode explorar sua criatividade, criando uma infinidade de movimentos, alguns com um alto grau de dificuldade, alguns que o permitam permanecer por mais tempo na onda, alguns que o permitam atingir uma maior velocidade... enfim, manobras que tornam o esporte muito mais prazeroso para quem vai descobrindo as possibilidades que ele oferece.

A seguir, estão expostas as principais manobras¹ desse esporte:

DROP

É a descida da onda para dar início à execução de manobras. Este é o ponto essencial para se ter uma boa evolução na onda. Um drop errado pode levá-lo ao famoso *wipe out*.

Como executar: Posicione-se na formação da onda, reme e bata pernas seguindo a direção da formação (esquerda ou direita). Caso a onda seja para o lado esquerdo a mão esquerda deverá estar posicionada no bico da prancha e a direita ao lado, próximo ao centro da prancha. Se for uma onda para a direita, as posições das mãos são inversas.

Quando atingir a velocidade, faça o *bottom turn*, e, a partir daí, é só aproveitar e desenvolver outras manobras.

DROP-KNEE

Mesma manobra acima, só que de joelhos.

Como executar: Posicione-se na formação da onda, reme e bata pernas seguindo a direção de sua formação (esquerda ou direita). Quando sentir que já está na onda, coloque uma das pernas sobre a prancha posicionando o pé de pato próximo do nose da prancha e a outra perna na parte de trás, dobrada.

¹ Informações acessadas no *site* <http://www.bodyboardzone.com/manobras-bodyboard>.

BOTTOM TURN

Movimento após o drop, que consiste em virar a prancha para apanhar a linha da onda, aproveitando a velocidade adquirida pelo *drop* para dar início à execução de manobras.

CUTBACK

É o mesmo movimento utilizado no surfe.

Como executar: Assim que fizer o *bottom turn*, suba ao lip da onda e faça uma curva, voltando para a espuma da onda. Quanto mais água for levantada para fora da onda, mais bonita é a manobra.

360°

Manobra mais básica do bodyboard, consiste em dar uma volta de 360° sobre o eixo da prancha.

Como executar: Quando tiver uma boa velocidade, posicione-se sobre a prancha, tirando todo o corpo de contato com água. Erga as pernas e gire a cabeça e o corpo junto com a prancha para o lado esquerdo ou direito, de acordo com a onda. No final da volta, volte à posição inicial, travando o movimento rotatório com as barbatanas.

360° INVERTIDO

Mesmo que um 360°, só que para o lado inverso da onda.

Como executar: Execute um *cutback* inverso e, em seguida, tire as pernas da água. Levante o tronco mais do que o normal e fique com a cabeça já virada para o lado e

TUBO

É um momento único entre você, sua prancha e a onda.

Como executar: É preciso ser uma onda que faça "buraco" e exige bastante técnica, pois você necessita ter uma noção exata de acelerar, reduzir e até mesmo de entubar. Tudo no

timing certo. Tenha em conta o lip da onda, e quando começar a quebrar tente posicionar-se entre o lip e a parede da onda.

EL ROLLO

Essa manobra consiste em rodar juntamente com o lip da onda, como se fizesse parte dela. Como executar: Após o *drop*, execute um bom *bottom turn* e vá em direção ao lip da onda. Rode com ele colocando o bottom (parte de baixo da prancha) contra o lip, executando o rolo. Tente voltar sempre para a parede da onda para executar mais manobras.

AÉREO

Para a execução de qualquer manobra aérea no bodyboard, os itens principais são: velocidade e uma onda que forme uma rampa, essencial para "voar".

Como executar: espere que o lip comece a formar. Quando isto acontecer, suba com tudo, no intuito de descolar. Assim que estiver no ar, lance a prancha para frente, para ganhar o máximo de projeção possível. No momento em que sentir o início da descida, volte à posição normal, coloque a prancha debaixo do corpo e prepare-se para a aterragem, que nem sempre é tranquila.

Faça força nas mãos para que, na hora do impacto, a prancha não se escape. Procure não cair com o *nose*, inclinando-o para cima.

360° AÉREO

É uma das manobras mais difíceis no bodyboard. É necessário que a onda tenha uma boa parede para a executar. Como executar: são os mesmos procedimentos de um aéreo. Após o vôo, gire a cabeça e o corpo como em um 360°. Na hora de voltar da manobra é importante que você se preocupe em ganhar projeção para frente pois, assim, a aterragem vai acontecer na onda e não atrás dela.

ARS (Aerial Roll Spin)

O ARS é um movimento que combina um *El Rollo* e um 360° juntos, num movimento em projeção aérea. Como executar: consiste em seguir os mesmos movimentos do *El Rollo*. A

onda tem ter uma boa parede, para se fazer uma projeção aérea e para frente antes de terminar o *El Rollo*. Comece a virar, para executar o 360° , dentro ou fora da onda.

BACKFLIP

Uma manobra difícil, mas uma das mais bonitas do bodyboard. Como executar: espere que a onda forme uma boa parede, imprima grande velocidade e quando o lip começar a quebrar, ataque-o como se fosse dar um *aéreo*. Quando já estiver projetado praticamente fora da onda, execute uma cambalhota, ou seja, um salto mortal para trás (ou para frente *frontflip*). Irá voltar de frente para onda e aí, é só dar um 180° e voltar à posição normal.

4.2 panorama do circuito mundial de bodyboarding

O ranking mundial é um espelho da força que o esporte tem no país. No ranking masculino o Brasil tem 4 atletas entre os 10 primeiros e no feminino são 7 atletas entre as 10 primeiras colocadas.

Ao contrário do resto do mundo o Brasil trabalha bem suas categorias de base. Por aqui as categorias amadoras são muito valorizadas, tendo circuitos estaduais fortes e bem estruturados. Existe um circuito nacional amador que acompanha o profissional. Atualmente existem mais de 20 escolinhas de bodyboarding espalhadas pelo território nacional fazendo com que os jovens praticantes tenham desde cedo um conhecimento e suporte correto do esporte.

4.3 o circuito mundial em 2008/2009

O ano de 2008 foi um dos melhores para o bodyboarding. No circuito mundial o Brasil retomou sua hegemonia ao ter os dois campeões mundiais, Uri Valadão no masculino e Neymara Carvalho no feminino. Os vices campeões também foram brasileiros; Guilherme Tâmega e Jéssica Becker.

O Brasil recebeu pela primeira vez duas competições internacionais de bodyboarding o Katherine Melo na praia Brava em Santa Catarina e o Rio das Ostras International na praia de Costa Azul no Rio de Janeiro.

O circuito mundial de bodyboarding de 2008 foi o melhor desde o ano de 2001. Foram 9 etapas passando por: Brasil, Chile, Estados Unidos, Austrália, Portugal, Espanha e Venezuela e que distribuíram um total de \$185 mil dólares.

Em 2009 o circuito mundial foi ainda mais forte, com 12 etapas, distribuindo uma premiação total de \$240.000 dólares. O circuito passou pelo Havaí, Brasil, Chile, Portugal, Austrália, Espanha, Venezuela. A primeira etapa foi na praia de Pipeline, Havaí entre os dias 16 a 27 de Fevereiro.

A entidade que rege e administra o esporte a nível mundial é a IBA – International Bodyboarding Association. Em cada região do mundo existe uma IBA, por exemplo: IBA Brasil, IBA Austrália, IBA Havaí, IBA Europa que organizam juntas o circuito mundial.

4.4 uma panorâmica do circuito internacional ao longo dos tempos

Em 1995 o foi criado o circuito mundial que passava por diversos países. Antes de 1995 o campeão mundial era conhecido com apenas 1 etapa em Pipeline no Havaí. O formato do circuito mundial criado em 1995 é o adotado até hoje (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA, 2009).

Considerando os resultados a partir de 1995 o Brasil tem: 7 títulos de um total de 14 no masculino e 12 títulos em 14 no feminino (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA, 2009).

O Circuito feminino é considerado a partir de 1990 com a profissionalização das mulheres e a realização das provas em Pipeline, no Havaí. As etapas anteriores de 1990 eram provas amadoras e aconteceram em Sandy beach lado sul da Ilha de Oahu (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA, 2009).

Em 1996 o esporte teve o seu melhor circuito onde foram realizadas 18 com uma premiação de 335 mil dólares. Quem organizava era a extinta GOB – Global organization of Bodyboarders (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA, 2009).

5 Os grandes surfistas brasileiros são os BODYBOARDERS

Dentre todos esses esportes, o bodyboard é disparado, aquele que trouxe maiores conquistas para o Brasil. São quase 20 títulos mundiais, no masculino e no feminino, seguidos de uma renovação de atletas de fazer inveja a muitos países com qualidades de ondas infinitamente melhor do que as nossas. Os brasileiros se saem muito bem e brigam de igual para igual com qualquer atleta do tour mundial, não importa onde seja realizada a competição. Prova disso foram as duas primeiras etapas de 2008, realizadas no Hawaii e em Santa Catarina, ambas com condições totalmente opostas e vencidas por brasileiros.

São poucos os esportes em que o Brasil pode se dar ao luxo de entrar com tanto favoritismo. E ainda há quem diga que bodyboard não é surfe... O conceito de *waterman* (homem da água) está aí para quebrar esse paradigma e acabar com qualquer forma de preconceito. Exemplo é o que não falta: Mike Stewart por muitas vezes deixa a prancha de lado e vai surfar Pipeline perfeito de peito. O próprio Mike, detentor de mais de uma dezena de títulos mundiais, considerando bodyboard e bodysurf, já relatou em entrevista exclusiva à revista 720° que o surfe de peito é a forma mais íntima com a qual ele se aproxima do mar. Kelly Slater não sai do Hawaii antes de ver da areia a etapa do bodyboard em Pipeline, principalmente se o mar estiver grande. O bodyboarder Kainoa McGege, há alguns anos, resolveu fazer uma brincadeira e venceu o brasileiro Adriano Mineirinho em plena bateria do WQS (circuito classificatório para a principal divisão do surfe mundial)

Enfim, diversas demonstrações de que todos desfrutam do hábito de surfar, não importa como. A questão é estar dentro d'água, independentemente das condições do mar desfrutando do prazer de pegar onda. Se de pé, deitado ou de joelho, isso fica a critério de cada um (RIQUE, 2008, p.4).

Aí se tem nitidamente um demonstrativo de que o Bodyboarding, apesar de muito vitorioso, não tem seu devido reconhecimento e não alcançou a sua solidificação no Brasil. Essa é uma questão muito debatida entre os bodyboarders, que não entendem o motivo do esporte não conseguir dar um salto em direção ao seu devido espaço na mídia e entre patrocinadores interessados em ver o nome de suas empresas vinculado ao Bodyboarding, o que acabaria evidentemente por difundir mais a modalidade.

É curioso perceber que tantos resultados positivos não venham acompanhados de uma maior popularização do esporte no cenário nacional, o que normalmente é a receita do sucesso para muitas modalidades esportivas. Mais curioso ainda, é saber que o Bodyboarding já teve

momentos em que foi muito mais popular do que hoje, mas que essa popularidade não se sustentou, ainda que os títulos tenham continuado a vir para o Brasil.

Há quem vincule a falta de popularidade do bodyboarding no Brasil ao fato de que as práticas corporais em geral na praia não sejam muito difundidas no país, pois as pessoas não vêm a praia como um local de lazer esportivo, e menos ainda para a prática profissional ou recreativa de esportes aquáticos (MARTINS, 2008).

Todo esporte, para que possa ser difundido, tem como grande aliado a mídia, mas, segundo Raphael Moreira Martins (2008) “como acontece com todos os esportes praticados no país a não ser o futebol, o BODYBOARDING não ganha espaço dela”, cuja ajuda é de grande valor para formar novos adeptos e fomentar o mercado próprio desse esporte... os ‘grandes momentos’ do bodyboarding trouxeram períodos de verdadeiras realizações, com espaço na TV, nos jornais e revistas, além de várias empresas investindo em propaganda e em patrocínios a eventos e atletas. Passada a ‘euforia’, sem que se tivesse feito nada para que seu crescimento fosse sustentado, mergulhamos novamente no marasmo, voltando sempre à estaca zero (REZENDE, 2006, p.8) .

Há talvez dentro do Brasil uma certa desorganização no que diz respeito às federações que regem o Bodyboarding. Vejo que o esporte não assume um caráter muito profissional dentro do país, talvez por essa falta de respaldo por parte de entidades que levem mais a sério o compromisso com os atletas, que muitas vezes nem sequer podem competir dentro do país por falta de competições, que se devem ao fato de não haver empenho por parte daqueles que seriam os responsáveis pela organização de tais eventos. Também são poucas as associações de Bodyboarding em comparação com o número de praticantes por todo o litoral brasileiro (REZENDE, 2006, p.8). A forma amadora como o esporte se organiza no país, não permite que ele alcance um reconhecimento dentro do Brasil alcançado por outras modalidades esportivas.

Assim como no futebol, bastou pronunciar ‘bodyboarding’ que o nome Brasil já vem à cabeça de qualquer pessoa no mundo que entenda o mínimo do esporte. Não pelas nossas ondas, não pelas atletas que exibem curvas perfeitas deitadas sobre suas pranchas, não pelo físico atlético de nossos atletas que treinam bastante. Nada disso, bodyboarding e Brasil é sinônimo de vitória, consagração, história sólida, supremacia, tradição, respeito, escola, humildade, dedicação e muito mais (PIZA, 2009, p.42).

É realmente inaceitável a situação do esporte no país, pois trata-se do esporte aquático com o maior número de títulos mundiais conquistados pelo Brasil, mas que ainda luta por espaço e reconhecimento na mídia (PIZA, 2009). Penso que uma reformulação na estrutura e a formação de novos valores seriam um passo importante para que essa situação pudesse ser

invertida, e que discussões entre dirigentes e atletas para que estes últimos tivessem voz ativa na estruturação do esporte no Brasil seria muito produtiva, se houvesse nela um foco na melhoria de condições para nossos atletas.

“Só quem é bodyboarder sabe o que é tirar um tubo e sair dele voando! O que nos falta é o apoio de empresas, visto que temos muito para evoluir ainda no cenário mundial, e principalmente no cenário brasileiro” (GRUNER *apud* REZENDE, 2007, p.8).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando falamos em surfe, não estamos falando apenas da modalidade de surfboard, mas das diversas modalidades reconhecidas pela Internacional Surf Association (Associação Internacional de Surfe), dentre elas, o bodyboard.

Apesar de tantos resultados positivos, pois 30,7 %, dos títulos mundiais masculinos são brasileiros e entre as mulheres a porcentagem é ainda mais impressionante, se tratando de nada menos do que 89,4% dos títulos ganhos por atletas brasileiras, o bodyboarding não atinge no Brasil o reconhecimento tão merecido de esporte vitorioso. Ele não alcançou no país sua sustentabilidade, talvez por falta de um maior profissionalismo por parte de quem rege o esporte no país, talvez pela dificuldade que todas as outras modalidades esportivas que não sejam o futebol encontram no Brasil, que é a de esbarrar na dificuldade de conseguir verbas, ainda que sejam elas modalidades vitoriosas e gloriosas para o país. A idéia de que o Bodyboarding necessita ser encarado de maneira mais séria, mais profissional, precisa com urgência se difundir entre atletas e dirigentes. E só assim vejo uma saída, com essa mudança nos valores, para que um esporte tão importante, ligado à natureza, que tem o poder de mobilizar ecologicamente seus participantes e todo o público atingido por ele, e que tantos títulos dá ao nosso país, alcance o seu merecido reconhecimento. A paixão de quem pratica o esporte e acredita no seu valor talvez em algum momento consiga fazer a diferença.

“Um esporte como o surf deve ser comemorado com saúde.

O surf inspira saúde.

A saúde da bênção do corpo, da mente, do espírito, do alimento, das ondas.

Nossa saúde.

A saúde do Planeta Terra.

A saúde do universo.

A saúde do Eterno.

Deus abençoe a todos.

Boas ondas!”(STEINMAN, 2003, p.19)

REFERÊNCIAS

- DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. **O surfe e a moderna tradição brasileira**. Revista Movimento, vol. 15, n° 4, 2009.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BODYBOARDING, 2009, Circuito mundial de Bodyboarding e campeões, Flávio Brito, 2009
- DA COSTA, L. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física, e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005.
- FARIAS, Sidney Ferreira. **SURF conteúdos para a prática** - pág. 11 - Ilha das Bruxelas, 2000.
- FERRY, Luc Ferry. **A Sabedoria dos Mitos Gregos: Aprender a Viver II**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- FIGUEIREDO, Luiz Ernesto. **A história do surfe em Santos**. Santos: Prefeitura Municipal, 1997.
- INTERNACIONAL BODYBOARDING ASSOCIATION, 2009.
- KNIJNIK, J. D. ; CRUZ, L. O. . Mulheres ao mar: surfe e identidades femininas em transição. In: Antonio Carlos Simões: Jorge Dorfman Knijnik. (Org.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004.
- LAKATOS, E. M; MARCONI, M. de. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.
- LORCH, Carlos. **Surf: deslizando sobre as ondas**. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1980.
- MARTINS, RAPHAELL MOREIRA. **Porque no Brasil a modalidade do bodyboarding não evolui**. 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>)
- OLIVEIRA, J. **O Risco no Surf: Importância do risco para os big-riders no surf de ondas grandes**. Porto: José Oliveira. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. 2007.
- PIZA, A. de T. **Uns com muito, outros com tão pouco**. Revista 720° Bodyboarding, ed. n° 8, p. 42, 2009.

REZENDE, B. **Visões do Bodyboarding**. Revista 720° Bodyboarding, ed. n° 4, p. 8, Abr. 2007.

REZENDE, H. **Construindo a sustentabilidade do bodyboarding brasileiro**. Revista 720° Bodyboarding, ed. n° 2, p. 8, Jun. 2006.

RIQUE, L. **Os grandes surfistas brasileiros são os bodyboarders**. Revista 720° Bodyboarding, ed. n° 6, p. 4, Jul./Set. 2008.

ROSA, D. **Laje do Dramin**. Revista 720° Bodyboarding, ed. n° 8, p. 23, Jun./Ago 2009.

STEINMAN, Joel. Surf e Saúde. Florianópolis: Joel Steinman, 2003.

9.1 Sítios da internet

< <http://www.bodyboarding.esporteblog.com.br> > Acessado em 23/04/2010.

<<http://www.bodyboardzone.com/manobras-bodyboard>> Acessado em 14/04/2009.

ANEXOS

1 Estatísticas:

- Brasil tem 28 títulos mundiais de um total de 45 títulos. *Aproveitamento de 62.2%*
- No feminino são 17 títulos de um total de 19. *Aproveitamento de 89.4%*
- No masculino são 8 títulos no total de 26. *Aproveitamento de 30.7%*

Maior vencedor masculino:

Guilherme Tâmega 6x (e 6x vice campeão)

Maior vencedora feminina:

Neymara Carvalho e Stephanie Pettersen 4x cada

Primeiro campeão mundial Brasileiro:

Guilherme Tâmega (1994)

Primeira campeã mundial brasileira:

Stephanie Pettersen (1990)

OBS: Considerando somente as competições profissionais.

Etapa com maior premiação em 2008:

Praia Grande, Portugal \$60.000 dólares.

Etapa brasileira com maior premiação em 2008:

Praia Brava, Santa Catarina \$50.000 dólares.

2 alguns dos melhores lugares do mundo para a prática do bodyboarding

- Costa Rica
- Equador
- El Salvador
- Tahiti
- Ilhas Reunião (Oceano Índico)
- Bali
- Tonga
- Austrália
- Indonésia
- Peru
- Barbados
- Ilhas Fiji
- Fernando de Noronha (Brasil)
- Havaí
- México

Circuito mundial de Bodyboarding e campeões					
<u>Ano</u>	<u>organização/diretor</u>	<u>Campeão mundial</u>	<u>País</u>	<u>Campeã mundial</u>	<u>País</u>
2009	IBA (McKenna/Hadden)				
2008	IBA (McKenna/Hadden)	Uri Valadão	Brazil	Neymara Carvalho	Brazil
2007	IBA (McKenna/Hadden)	Ben Player	Australia	Neymara Carvalho	Brazil
2006	IBA (Kirkman/Garritano)	Jeff Hubbard	Hawaii	Marina Taylor	Canary Is.
2005	IBA (Kirkman/Hulme)	Ben Player	Australia	Kira Llewellyn	Australia
2004	IBA (Kirkman/Fordham)	Damian King	Australia	Neymara Carvalho	Brazil
2003	GOB to IBA (Kirkman/Fordham)	Damian King	Australia	Neymara Carvalho	Brazil
2002	GOB (Kirkman/Fordham/Thomas)	Guilherme Tamega	Brazil	Stephanie Pettersen*	Australia
2001	GOB (Wilson/Thomas)	Guilherme Tamega	Brazil	Soria Rocha	Brazil
2000	GOB (Wilson)	Paulo Barcellos	Brazil	Soria Rocha	Brazil
1999	GOB (Tomas/Wilson)	Andre Botha	Sth Africa	Karla Costa	Brazil
1998	GOB (Thomas)	Andre Botha	Sth Africa	Mariana Nogueira	Brazil
1997	GOB (Thomas)	Guilherme Tamega	Brazil	Daniella Freitas	Brazil
1996	GOB (Thomas)	Guilherme Tamega	Brazil	Daniella Freitas	Brazil
1995	GOB (Thomas)	Guilherme	Brazil	Claudia	Brazil

		Tamega		Ferrari	
INÍCIO DO CIRCUITO MUNDIAL					
1994	APB to GOB	Guilherme Tamega	Brazil	Stephanie Pettersen	Brazil
1993	APB (Rarrick)/HBC (Thomas)	Michael Eppelstun	Australia	Stephanie Pettersen	Brazil
1992	Honolulu Bodysurfing Club (Thomas)	Mike Stewart	Hawaii	Mariana Nogueira	Brazil
1991	Honolulu Bodysurfing Club (Thomas)	Mike Stewart	Hawaii	Glenda Kozlowski	Brazil
1990	Honolulu Bodysurfing Club (Thomas)	Mike Stewart	Hawaii	Stephanie Pettersen	Brazil
1989	Honolulu Bodysurfing Club (Thomas)	Mike Stewart	Hawaii	* Se naturalizou australiana	
1988	Honolulu Bodysurfing Club (Thomas)	Mike Stewart	Hawaii		
1987	Honolulu Bodysurfing Club (Thomas)	Mike Stewart	Hawaii		
1986	Honolulu Bodysurfing Club (Thomas)	Ben Severson	Hawaii		
1985	NÃO HOUVE DISPUTA DO CIRCUITO MUNDIAL				
1984	Honolulu Bodysurfing Club (Thomas)	Mike Stewart	Hawaii		
1983	Honolulu Bodysurfing Club (Thomas)	Mike Stewart	Hawaii		
1982	Honolulu Bodysurfing Club (Thomas)	Mike Stewart	Hawaii		